

Cigarros eletrônicos: nova modinha entre jovens é lobo em pele de cordeiro

Os vapes fazem parte da 3ª geração dos Dispositivos Eletrônicos para Fumar e possuem substâncias tóxicas que são potencializadas pelo sistema de vaporização

POR ISABELLA OTTO ATUALIZADO EM 16 SET 2022, 15H04 - PUBLICADO EM 17 SET 2022, 10H02



Vai uma vaporizada aí? Alina Beketova/Getty Images

Na rodinha de amigos, na porta da balada, na saída da universidade, em festas e até mesmo dentro de casa. **Os cigarros eletrônicos estão por toda parte** e seu consumo é praticamente dominado por jovens.

Segundo [Relatório Covitel](#) deste ano, **um em cada cinco brasileiros entre 18 e 24 anos é usuário de DEF (Dispositivo Eletrônico para Fumar)**. O consumo é mais frequente entre homens, e nas

regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil – apesar dos índices estarem bem equilibrados, o que mostra que a modinha é mesmo nacional.

Aliás, a febre é mundial! Nos EUA, por exemplo, **75% dos jovens que fumavam cigarros tradicionais migraram para os eletrônicos** assim que estes surgiram no mercado. Os dados são da *Revista Pediatrics* (edição de maio de 2022) e fazem referência os anos de 2017 a 2019.

Na Europa, os vaporizadores são encontrados em lojas oficiais de marcas especializadas, em camelôs, aeroportos, bares... **As propagandas também estão por todo lugar!** Em estações de trem e metrô, em *outdoors*, em pontos de ônibus, nas telas de celulares... Até aqueles que nunca fumaram andam se perguntando: “Qual é a do vape?”.

RELACIONADAS

Adolescente perde os dois mamilos após cumprir desafio da internet



Energéticos com bebidas alcoólicas: a mistura do mal



Jovem confunde teste de gravidez com vape e “fuma xixi”



O BEABÁ DOS CIGARROS ELETRÔNICOS

Os Dispositivos Eletrônicos para Fumar (DEFs) **foram criados em 2004, sendo que hoje eles estão na 3ª geração.** “A **primeira** é composta por produtos descartáveis não recarregáveis, com formato muito semelhante ao cigarro regular, sendo que uma luz de led simula a brasa do cigarro durante a tragada. São comercializados com ou sem nicotina. Na **segunda geração**, encontram-se produtos com bateria recarregável, nos quais os cartuchos podem ser substituídos por outros pré-cheios de nicotina líquida. Alguns, semelhantes a canetas, permitem a regulagem da duração e do número de tragadas. **A última geração de DEFs** não se assemelha ao cigarro regular e também é conhecida por tank, por conter um reservatório ou tanque para ser preenchido com nicotina e também com outras drogas, como a maconha líquida. São recarregáveis e facilmente manipuláveis para a emissão de uma maior quantidade de vapor”, detalha o estudo ***Cigarros eletrônicos: o que sabemos?*** (2016), produzido a partir de uma parceria entre a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (Opas/OMS), a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA).

O artigo ainda salienta que “**os vapers absorvem os vapores gerados a partir de soluções conhecidas como e-liquids ou e-juices**, que contêm solventes (chamados e-liquids base), além de várias concentrações de nicotina, água, aromatizantes e inúmeros outros aditivos. Os solventes mais populares usados em e-liquids são a glicerina (geralmente de origem vegetal) e o propilenoglicol”.

A temperatura de vaporização de um vape pode chegar a 350° C, **induzindo reações químicas e mudanças físicas nos compostos dos e-liquids, já produzidos com químicos agressivos, formando outras substâncias potencialmente tóxicas** para os seres humanos, classificadas

como citotóxicas, carcinogênicas, irritantes, causadoras do enfisema pulmonar e de dermatite, conforme relata o estudo.



Alguns modelos de vape que existem no mercado; preços variam de R\$70 a R\$600 Alina Beketova/Getty Images

PARECE TUDO IGUAL, MAS NÃO É

Rodolfo Bacelar, pneumologista e docente do curso de Medicina do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), explicou para a **CAPRICHÔ** que o princípio desses dispositivos eletrônicos é sempre o mesmo: **uma bateria aquece a solução líquida a ser consumida** (habitualmente com nicotina, mas que pode conter outras substâncias, como THC ou Canabidiol).

Apesar disso, há diferentes tipos de vaporizadores no mercado, divididos em duas categorias: **os vapes para ervas** (vaporizadores de erva seca e óleo concentrado) e **os vapes para líquidos** (vaporizadores convencionais e pod systems).

Dentro dessas categorias, encontramos **subcategorias de modelos**, sendo que os cinco principais são os listados a seguir:

- **Pen:** o nome é autoexplicativo. Ele parece uma caneta e é um dos modelos mais em conta e simples de usar do mercado. É recarregável e funciona com um pressionar de botão.
- **Kit:** é um modelo mais bojudão, que permite que o usuário acople uma bateria externa ao sistema, para otimizar a carga do vaporizador.
- **Mod mecânico:** indicado para aqueles que já possuem certa experiência com vaporizadores. É montável e possibilita uma vaporização mais potente/forte.

- **Pod systems:** apresenta altas dosagens de nicotina e é geralmente utilizado por aquelas pessoas que desejam parar de fumar cigarro convencional.
- **Pod descartável:** como o próprio nome diz, ele dura algumas vaporizadas e o e-juicy que vem no tanque não pode ser recarregado, assim como sua bateria.

LOBO EM PELE DE CORDEIRO

Por mais que a concentração das substâncias nocivas dos cigarros eletrônicos possa ser menos que a dos cigarros tradicionais, **as formas de consumo, a frequência de utilização e a quantidade consumida tornam os dois produtos similares quando falamos nos malefícios** que eles podem causar. “O fato dele ser mais socialmente aceito e a presença de essências, com seus cheiros, sabores e cores, faz com que as pessoas consumam ainda mais os vapes”, alerta o Dr. Rodolfo.

O vilão da história é o e-liquid base, que é aquecido pelo sistema e inalado pelo consumidor. Ele apresenta substâncias nocivas à saúde, como a nicotina, o propilenoglicol, o formaldeído e o acetaldeído, que são cancerígenos, e o chumbo, um metal pesado que também é altamente prejudicial.



Dois lados de uma mesma moeda? Andrey Sokolov/Getty Images

“Os consumidores estão expostos ao risco de desenvolverem doenças cardiovasculares, como infarto e arritmias, doenças pulmonares, como o enfisema, e outras inflamações. Pode haver a piora de doenças respiratórias prévias, como a asma, além do desenvolvimento de um câncer. É comum apresentar dificuldades de memória e irritabilidade. O cigarro eletrônico diminui as

defesas pulmonares facilitando infecções. Além disso, **existe a própria doença pulmonar causada por substâncias presentes no cigarro eletrônico, a EVALI, em que uma importante inflamação impede a passagem do oxigênio dos pulmões para o sangue, levando à necessidade de suporte ventilatório.** Em surto recente, jovens precisaram ir para UTI e utilizar ventiladores mecânicos, existindo até aqueles que precisaram de transplante de pulmão”, conta o especialista, que se preocupa com o apelo jovem que os dispositivos têm.

Por mais que algumas pessoas digam que os vaporizadores são utilizados para diminuir o uso do cigarro convencional – e que eles tenham sido criados justamente para isso –, algumas falácias de discurso provam justamente o contrário.

+ Quer entender o que está acontecendo no Brasil neste ano de eleição? Vem com a gente no CH na Eleição.

A indústria dos cigarros eletrônicos é baseada na aquisição de novos consumidores. “Pelo apelo ao público jovem em suas propagandas, pela inovação, tecnologia, cores e sabores, **o cigarro eletrônico hoje é a porta de entrada no vício da nicotina.** Dados do governo norte-americano mostram que até um terço dos jovens que iniciam no cigarro eletrônico vão começar a usar o cigarro tradicional em até seis meses”, revela Rodolfo Bacelar.

O pneumologista também conta que, **como produto terapêutico, ele se mostra inferior a outras abordagens para parar de fumar.** Afinal, o carro-chefe dos vaporizadores é a nicotina, que causa dependência. Só que existe também na jogada e-liquid que é colocado dentro do tanque do aparelho, que é cheio de substâncias nocivas para a saúde, como vimos anteriormente. **“Existe uma ideia de redução de danos, o que não é ausência dos mesmos.** Existem formas muito mais eficazes de parar de consumir a nicotina”, garante o professor.

Bacelar ainda traz à tona a reflexão de que **as grandes empresas de cigarro tradicional são justamente as donas das marcas de cigarros eletrônicos.** “Nossa geração está caindo no mesmo papo que a indústria do cigarro tradicional utilizou para criar uma geração de fumantes. A ideia de ser saudável, de uma cultura de consumo, também existiu antes. O marketing dos vapes se utiliza de uma geração que não foi exposta aos males do tabagismo para adquirir novos consumidores, de **estudos pagos para trazer uma falsa segurança, baseados em uma pseudociência,** e das redes sociais para disseminar fake news defendendo o consumo”, faz o alerta.

POR SUA CONTA E RISCO

No Brasil, **a comercialização, importação e propaganda de todos os tipos de Dispositivos Eletrônicos para Fumar (DEFs) são proibidas.** Entram nessa lista cigarros eletrônicos, vaper, pod, e-cigarette, e-ciggy, e-pipe, e-cigar, heat not burn (tabaco aquecido), entre outros.

Segundo **Resolução de Diretoria Colegiada da Anvisa, de 28 de agosto de 2009**, “essa decisão se baseou no princípio da precaução, devido à inexistência de dados científicos que comprovassem as alegações atribuídas a esses produtos”.

Há aqueles que defendam que **a proibição da venda de DEFs no país prejudica a economia e aumenta os danos com relação aos dispositivos,** estimulando o comércio ilegal deles, da

mesma maneira que contribui para a falta de informações a respeito dos aparelhos, colocando os usuários em maior risco. “Regulamentar vapes e cigarros eletrônicos no Brasil é fundamental para implementar uma política efetiva de redução de danos para fumantes, uma medida que respeitaria o perfil, o tempo e o grau de adicção de cada indivíduo”, opina a advogada **Vanessa Viana**, que acredita que “é melhor controlar e gerenciar os danos do hábito de fumar do que sucumbir de vez aos seus malefícios, evitando mais mortes causadas pelo tabaco e protegendo famílias da perda de um ente querido, muitas vezes o seu principal provedor” .

A Anvisa, em contrapartida, bate na tecla de que **não pode autorizar a regulamentação dos dispositivos pela ausência de dados científicos a respeito deles e de seus malefícios**, uma vez que o debate continua sendo dominado por pesquisas tendenciosas.

Médicos alertam sobre o consumo de cigarros eletrônicos, assim como sobre **“truques” que andam sendo ensinados nas redes sociais**, que prometem transformaram um vaporizador descartável em um recarregável, por exemplo. O barato pode sair muito caro.

#ENTREAMIGAS

CURIOSIDADES

SAÚDE

SAÚDE PÚBLICA